



remaa

Caminhando por horizontes imaginários: diálogos formativos sobre a Cartografia do Imaginário¹

Jakeline Modesta Almeida Fachin²

Universidade Federal de Mato Grosso

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2628-6639>

Tatiani do Carmo Nardi³

Universidade Federal de Mato Grosso

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0180-5092>

Victor Hugo de Oliveira Henrique⁴

Universidade Estadual do Ceará

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7019-4088>

Michèle Sato⁵

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: Neste artigo, discorremos sobre a trajetória formativa de pesquisadoras do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) em busca de compreender a metodologia fenomenológica denominada “Cartografia do Imaginário” criada por Michèle Sato (2011), que oferece possibilidades de se fazer pesquisa em Educação Ambiental. Nosso objetivo é discutir sobre a importância do processo formativo e destacar as impressões e sensações despertadas durante os estudos. Os encontros possibilitaram diálogos fecundos e novas interpretações sobre a referida metodologia. Ao encontro da proposta, nos aventuramos na criação e registro de nossas impressões. Estudar esta metodologia, contribuiu para nossa formação e

¹ Parte desse texto foi apresentado no Seminário de Educação – Semidu 2021.

² Doutora em Educação pelo programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT). Pesquisadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte (GPEA), na linha de pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Química pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Professora efetiva da Rede Estadual de Ensino (SEDUC/MT). E-mail: jake.fachin@gmail.com

³ Mestre em Educação no PPGE/UFMT, integrante do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte da Universidade Federal de Mato Grosso (GPEA). E-mail: tatianicnardi@gmail.com

⁴ Docente na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Ciências Ambientais e Mestre em Educação. E-mail: victorhugo.henrique@uece.br

⁵ *In memoriam.*

compreensão dos diversos caminhos, trilhas e horizontes possíveis para se pesquisar e estudar a Educação Ambiental ancorada na fenomenologia que conduzindo o percurso científico investigativo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Cartografia do Imaginário. Metodologia. Fenomenologia.

Caminando por horizontes imaginarios: diálogos formativos sobre la Cartografía de lo Imaginario

Resumen: En este artículo, discutimos la trayectoria formativa de investigadoras del Grupo de Investigación en Educación Ambiental, Comunicación y Arte (GPEA) en busca de comprender la metodología fenomenológica denominada 'Cartografía del Imaginario', creada por Michèle Sato (2011), que ofrece posibilidades para realizar investigaciones en Educación Ambiental. Nuestro objetivo es discutir la importancia del proceso formativo y destacar las impresiones y sensaciones despertadas durante los estudios. Los encuentros posibilitaron diálogos fecundos y nuevas interpretaciones sobre dicha metodología. En consonancia con la propuesta, nos aventuramos en la creación y registro de nuestras impresiones. Estudiar esta metodología contribuyó a nuestra formación y comprensión de los diversos caminos, senderos y horizontes posibles para investigar y estudiar la Educación Ambiental anclada en la fenomenología, que guía el recorrido científico investigativo

Palabras-clave: Educación Ambiental. Cartografía de lo Imaginario. Metodología. Fenomenología.

Walking through imaginary horizons: formative dialogues on the Cartography of the Imaginary

Abstract: In this article, we discuss the formative trajectory of researchers from the Research Group in Environmental Education, Communication, and Art (GPEA) in an effort to understand the phenomenological methodology called "Cartography of the Imaginary" created by Michèle Sato (2011), which offers possibilities for conducting research in Environmental Education. Our objective is to discuss the importance of the formative process and highlight the impressions and sensations awakened during the studies. The meetings enabled fruitful dialogues and new interpretations of the aforementioned methodology. In line with the proposal, we ventured into the creation and recording of our impressions. Studying this methodology contributed to our formation and understanding of the various paths, trails, and possible horizons for researching and studying Environmental Education anchored in phenomenology, guiding the scientific investigative journey.

Keywords: Environmental education. Cartography of the Imaginary. Methodology. Phenomenology.

Explorando o labirinto

Este estudo teve sua gênese durante a trajetória formativa de duas pesquisadoras com o desejo de adentrar os labirintos fenomenológicos da Cartografia do Imaginário (Sato, 2011), durante a pandemia de Covid-19, no ano de 2021. Em busca de superar os obstáculos epistemológicos que nos impediavam de compreender com profundidade esta metodologia, nos propomos a estudar e debater os textos balizadores que ampliaram a nossa compreensão desta proposta metodológica. Assim, fomos instigadas pela Cartografia do Imaginário a reinventar palavras, a procura de conhecimentos que possam reconstruir a condição humana (Sato, 2011), e provocadas a incluir as concepções teóricas em nossas pesquisas que possibilitam a criação dessa realidade e o sopro criativo do investigador (Minayo, 1994).

A cartografia do imaginário (Sato, 2011), é uma metodologia fenomenológica criada pela professora Dra. Michèle Sato (*in memoriam*), que coordenou o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), desde a sua chegada em Mato Grosso no ano de 1994. A proposta do grupo pesquisador é transcender o isolamento do pesquisador e valorizar os diálogos entre os diferentes saberes construindo aprendizagens coletivas (Sato; Senra, 2009). Embasada na pedagogia de Paulo Freire, “o diálogo de saberes perpassa a relação pedagógica e é pressuposto epistemo-praxiológico para o processo de investigação científica” (Sato; Senra, p. 140, 2009).

Nessa perspectiva, esta metodologia nasceu da vontade de auxiliar os/as pesquisadores/as a pensar e fazer pesquisa em Educação Ambiental sem privilegiar somente a racionalidade, mas que acolha sentimentos, subjetividade e afetividade, tecendo CONFETOS (CONceitos e aFETOS) (Sato; Senra, 2009). É um convite para que se aventurem no percurso da pesquisa, em um movimento inacabado de descoberta, e onde cada pesquisador/a constrói sua própria trajetória, na descoberta das múltiplas possibilidades de pesquisar. Para isso, é preciso coragem e autonomia, pois, “um campo investigativo exige enorme responsabilidade e grau de compromisso” (Sato, 2011, p. 4).

A proposta é desafiadora e nos apresenta “miríades de possibilidades” (Sato, 2011, p.2), provocando os/as pesquisadores/as a se **perderem** e se **encontrarem** no labirinto do conhecimento, e a estarem abertos/as a novos conhecimentos, sensações, descobertas e reinvenções, respeitando o rigor científico, mas permitindo que a pesquisa se torne mais prazerosa e criativa.

Para poder compreender uma teoria com grande densidade epistemológica e que permite acomodar conceitos e religar pontes (Sato, 2011), o primeiro passo nessa direção foi estudar, como bem recomenda a autora. Diante disso, nos debruçamos sobre este texto e sobre textos complementares que nos auxiliou a esmiuçar com detalhe cada parte que o compõe, para assim, entender os significados camuflados nas metáforas, mitos e poesias, que encanta com a forma poética e inspiradora de pesquisar a Educação Ambiental.

Diante desse desafio, certas de que o estudo coletivo nos permite expandir o conhecimento, pois é por meio das trocas e partilhas de saberes que as possibilidades

interpretativas se ampliam e é por meio do entrelaçar da pluralidade de pensamentos que as teias de saberes são enriquecidas, criamos um grupo de *whatsapp* traçando a nossa rota inicial, em direção aos primeiros passos daquilo de chamamos de **diálogos formativos**. Como ainda estávamos em isolamento social por conta da pandemia de Covid-19 que assolava o país e, algumas atividades estavam sendo realizadas de maneira remota, nossa opção foi de realizar os encontros *online*, para atender os protocolos prevenção de contágio e para que assim, pudesse viabilizar a participação de um maior número de pessoas interessadas, visto que alguns, não residiam em Cuiabá.

Diante do exposto, nosso objetivo é apresentar a importância da metodologia fenomenológica “Cartografia do Imaginário” (Sato, 2011) e registrar as impressões e as sensações despertadas durante os encontros do diálogo formativo. A nossa proposta é registrar, com riqueza de detalhes, todo o caminho trilhado nessa aventura científica investigativa fenomenológica, pois concordamos com Sato (2011), ao afirmar que o percurso trilhado é tão importante ou mais do que a chegada. Os estudos foram realizados em 4 encontros, nos meses de agosto e setembro. Cada encontro nos revelou uma nova oportunidade de adentrarmos e nos aventuramos no horizonte de possibilidades que temos nas pesquisas em Educação Ambiental à luz da cartografia do imaginário.

Coragem para caminhar

Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar pressupõe criar, recriar e não apenas repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário!
(Paulo Freire, 1994).

Michèle Sato (2011), em sua Cartografia do Imaginário nos alerta para a importância de estudar, mas estudar gerúndio, por ser um movimento que não se acaba. O aprendizado não é finito e ao adentrar no labirinto do conhecimento percebemos que ele está em constante construção. Assim, “uma pesquisa é um labirinto que, ao buscar conhecimentos, reconstrói a condição humana em querer mudar a vida” (Sato, 2011, p. 2). E, ao nos permitir fugir da rigidez do método científico da modernidade (*Ibidem*, 2011), torna possível inventar, reinventar, voar, imaginar, devanear. Nessa mesma direção, o grande mestre Paulo Freire (1994), já

chamava a atenção sobre o quão revolucionário é o ato de estudar, porém, exige esforço, comprometimento e disciplina, pois só assim, podemos ir além da repetição.

Nesse pressuposto, é um grande desafio realizar uma pesquisa em Educação Ambiental, ancorada na cartografia do imaginário (Sato, 2011). Por não ser uma metodologia fixa, com fórmulas prontas, fechadas ou imutáveis, esta metodologia exige do/a pesquisador/a uma capacidade criativa e imaginativa, diferente dos métodos tradicionais de pesquisa. Para Bachelard (1997), a imaginação não é a capacidade de formar imagens a partir da realidade, mas é “a faculdade de formar imagens que ultrapassem a realidade, que cantem a realidade” (p. 17-18); “é tentar encontrar, por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir à própria raiz da força imaginante (p. 2).

Ingênuo pensar que por não ser uma receita pronta esta metodologia não exige rigor acadêmico. De acordo com Sato (2011, p. 551), a cartografia do imaginário não se caracteriza como uma narrativa desprovida de ciência, mas sim, “busca teorias que auxiliem a compreensão de etapas de nossas vidas, à luz da construção de identidades híbridas na Educação Ambiental”. Exige do pesquisador um compromisso ético e político, mas também coragem para “imaginar e construir um mundo melhor para nossa condição humana” (Sato, 2011, p. 8) e, quiçá, para todas as formas de vida. Em uma sociedade em que inúmeras identidades e diversidades estão presentes, mas que muitas vezes marginalizadas, criminalizadas e invisibilizadas, o compromisso em pensar e fazer pesquisa em Educação Ambiental, contribui para a desconstrução da hegemonia e “colabora com o que podemos alicerçar para o nosso futuro” (*Ibidem*, 2011, p.541).

Dessa maneira, uma pesquisa que se pautar na cartografia do imaginário deve se constituir de uma AXIOLOGIA que enraíza valores políticos, éticos, com coragem de assumir os valores, as escolhas e as interpretações que constituem a pesquisa; construir elementos teóricos que adensem o campo EPISTEMOLÓGICO, buscando conexões dialógicas entre o conhecimento científico e os saberes populares; possibilitado pela vivência PRAXIOLÓGICA, que demarca o sentido empírico da pesquisa, a vivência dos silêncios, dos gestos, das palavras não ditas, das observações (Sato, 2021; Sato; Senra, 2009; Sato, 2011).

Assim, para vencer os obstáculos enfrentados na construção de uma pesquisa pautada em uma metodologia que considera essas dimensões filosóficas, é imperativo estudar

constantemente, para não cairmos em armadilhas paradoxais, principalmente em um contexto em que lidamos com a crescente negação e ataques ao conhecimento científico e a valorização de informações sem nenhuma comprovação. Mediadas pelas tecnologias digitais, à desinformação confunde e engana os nossos sentidos e impacta significativamente o nosso modo de ser e estar no mundo. Essas mudanças paradoxais também exigem mudanças na forma com que o conhecimento científico é produzido, de maneira a estabelecer diálogos epistemológicos fecundos, porém, livre dos obstáculos epistemológicos prévios, com a coragem de explodir em lutas coletivas, aliando pesquisa e militância (Sato, 2011).

Para adentrar nesse labirinto da Cartografia do Imaginário (Sato, 2011) é preciso coragem e autonomia, pois, “um campo investigativo exige enorme responsabilidade e grau de compromisso” (Sato, 2011, p. 4). E para isso, o GPEA, vem desenvolvendo suas pesquisas em Educação Ambiental, ancoradas nas dimensões: compromisso político, ético e ideológico (**axiológico**), aplicação prática e reflexiva (**praxiológica**) e, sustentada pela dimensão teórica (**epistemológica**) (Sato, 2011; Ferreira; Sato, 2019). Desse modo, a metodologia referida “transita pelas pesquisas, acreditando na liberdade de construir junto aos pesquisadores/as um processo que possa gerar autonomia em suas experiências científicas” (Ferreira; Sato, 2019, p. 4). A proposta é desafiadora e nos apresenta miríades de possibilidades, provocando os/as pesquisadores/as a se **perderem** no labirinto do conhecimento, abertos/as a novas aprendizagens, sensações, e se **encontrarem** nas descobertas e reinvenções, respeitando o rigor científico, mas permitindo que a pesquisa se torne mais prazerosa e criativa.

No trilhar deste labirinto, o que importa não é somente o destino final, ou encontrar a saída, mas todo o caminho percorrido durante a trajetória (Sato, 2011), cada detalhe percebido, cada obstáculo superado, cada percepção apreendida durante o percurso. Isso nos leva a construir uma pesquisa com riqueza de detalhes, oportunizada por uma pesquisa qualitativa que trabalha com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009, p.21). Assim, uma pesquisa ancorada na cartografia do imaginário, revela “aquilo que somos no espaço real (existência), mas também aquilo que queremos ser no espaço ilusório (devir)” (Sato, 2011, p. 1). E para isso, os gráficos, tabelas e indicadores quantitativos, não cabem nessa travessia, pois, em busca de resultados

imediatos, deixam para trás os processos de experiências qualitativos mais genuínos (Ferreira; Sato, 2019).

A Cartografia do Imaginário (Sato, 2011), é uma metodologia fenomenológica que nos dá suporte para o desenvolvimento de pesquisas em Educação Ambiental e permite a construção de redes de diálogo, entrelaçando projetos de pesquisa nacionais e internacionais. A perspectiva de Educação Ambiental adotada pelo grupo pesquisador está interligada com o compromisso ético, político e socioambiental. “A fenomenologia incita o desejo de perceber o outro e o mundo com nossos olhares, permitindo que as vozes tenham audiência para ouvirmos os campos diferentes que desfilam no palco do ecologismo, agregando sentido aos nossos próprios sentidos” (Sato; Passos, 2009).

Influenciada por Gaston Bachelard, Sato (2011) recria palavras, dá asas a sua imaginação e embarcar no espaço ilusório dos mitos, inundada por poesia e muito estudo, nos presenteia com uma metodologia fenomenológica que impulsiona a reinventar, criar, brincar com as palavras, possibilitando ao pesquisador/a encontrar, por meio de seu imaginário, uma infinidade de caminhos. Assim, “uma pesquisa é como conjugar o verbo pensar no eterno gerúndio, como se fosse um movimento que não se acaba, e por ser algo em plena construção, é possível fugir da rigidez do método científico da Modernidade, abrindo miríades de possibilidades” (Sato, 2011, p.2).

Certamente, na trajetória desse labirinto, cabe ao pesquisador/a autonomia de descobrir o ambiente e suas dimensões, acomodando conceitos, mudando títulos, revendo o caminho, escolhendo, diante de múltiplas possibilidades, o melhor transporte para a viagem. E para essa viagem, pudemos contar com a orientação de Michèle Sato, que, além de pesquisadora e cientista, ainda se coloca como parceira de trilha (Ferreira; Sato, 2019).

Diálogos fecundos

Diante da necessidade de compreender melhor a amplitude dessa metodologia que nos impulsiona a criar e ousar, mas também nos alerta sobre a importância de estar atentos/as aos rigores exigidos na produção científica, formamos o grupo de estudos, debates e diálogos. A nossa intenção inicial era que esse grupo fosse composto por mestrados/as e doutorandos/as do GPEA, que iriam usar a Cartografia do Imaginário como metodologia de

suas pesquisas. O GPEA sempre teve como mote a pesquisa em grupo e a construção do conhecimento através da partilha. Para Sato; Senra (2009), “o processo educativo se faz presente pela aprendizagem coletiva do ‘outro’ e dos sujeitos envolvidos nos processos de pesquisas, e, também na ad-miração e descoberta do ‘mundo’ pelas viagens de campo” (p. 143).

Com a pandemia de Covid-19, os encontros semanais que sempre fizeram parte do grupo ficaram comprometidas, a sala destinada ao grupo pesquisador que, carinhosamente era chamada por nós de 66 ficou esvaziada. Os colóquios semanais do GPEA sempre foram muito prazerosos, um local de troca de segredos, afetos, partilhas e detalhes (Sato, 2021). Mas o local que outrora era recheado de conversas, trocas, planejamentos e diálogos fecundos, que mantinha um coletivo dialogante havia mudado, a sala estava vazia. E o grande desafio era manter o grupo pesquisador que sempre priorizou transcender o isolamento do pesquisador em tempos de isolamento social que nos impedia de realizar encontros presenciais.

Diante do exposto, procuramos nos (re)conectar com o grupo através da necessidade do estudo. Cientes de que por meio do diálogo e da partilha, os significados vão se (re)construindo nesse movimento de “formação, deformação, transformação e reformação” (Sato, 2011) dos saberes e inspiradas na pedagogia freiriana, onde cada resposta dada a um desafio muda o próprio ser, “um pouco mais e de maneira diferente a cada desafio” (Freire, 2016, p. 71). Estudar de maneira coletiva possibilita a troca de saberes, a partilha de entendimentos, abrindo caminhos que levam ao “sobrevoo em imaginação e vivência praxiológica, do sentido empírico na pesquisa que demarca o cotidiano de um grupo pesquisador” (Senra; Sato, 2009, p. 143). Um grupo pesquisador como o “GPEA busca transcender o isolamento do pesquisador, valorizando os diálogos entre as diferentes estrelas [...]” (Senra; Sato, 2009, p.140).

Nessa perspectiva, o nosso **diálogo formativo** teve como substrato fenomenológico, os quatro elementos metaforizados por Sato, com aquilo que Bachelard (1988) considerava sobre o processo de aprendizagem: água [formação] – terra [deformação] – fogo [transformação] – ar [reformação].

Para Sato (2011), o elemento **água** representa a nossa constituição original, a gênese do desejo que dará as possibilidades de uma viagem científica. Nesse viés, a gênese da nossa **formação** surgiu da necessidade de duas pesquisadoras em aprofundar sobre a metodologia aqui apresentada. Assim, buscando superar os obstáculos epistemológicos, praxiológicos e axiológicos, como pesquisadoras do GPEA e inspiradas pela Cartografia do Imaginário que nos impulsiona a navegar por mares por vezes calmos, por vezes revoltos (Sato, 2011), formamos um grupo de *Whatsapp* para organizarmos a logística dos encontros. Sete pesquisadores/as do GPEA foram convidados/as para participar e para construirmos juntos/as esse momento de formação. Porém, devido às demandas e atribuições cotidianas, os/as demais integrantes optaram por não participar. Após refletirmos sobre a importância de seguir com nosso projeto inicial e iniciar nossos encontros, resolvemos dar início aos estudos em dupla e prosseguir com a nossa curiosidade investigativa.

Iniciamos os **diálogos formativos** de maneira virtual, pelo contexto de isolamento social exigido pelo momento pandêmico que estávamos atravessando. O estudo e a pesquisa nos proporcionam “um renascer para novas experimentações e sensações” (Sato, 2011 p.9) possibilitando uma metamorfose durante o “processo de busca de teorias que auxiliem a compreensão das etapas de nossas vidas, à luz da construção de identidades híbridas na Educação Ambiental” (Sato, 2011, p. 9).

Realizamos quatro encontros *online*, quinzenalmente, pelo *Google Meet* entre os meses de agosto e setembro. Selecionamos cinco textos da autora A proposta era de realizarmos previamente as leituras dos textos selecionados para que, nos encontros, pudéssemos compartilhar nossas impressões, interpretações e dúvidas sobre a metodologia.

O elemento **terra** é caracterizado pela **deformação**, é um reaprender a aprender, em busca da superação dos obstáculos epistemológicos (Sato, 2011). Nesse sentido, a deformação das pesquisadoras se deu desde primeiro contato com o GPEA e com a Cartografia do Imaginário. Pesquisar em um grupo que promove a aliança entre pesquisa científica e militância provoca em cada pesquisador/a deformações e reações na construção investigativa (Sato; Senra, 2009).

O convite a nos aventurar por caminhos ainda não trilhados, a sair da nossa pele individual (direito de janela) e ingressar numa pele social (dever de árvore)⁶ (Sato, 2011), nos deforma e nos leva a “[...] abrir as cortinas que nos envolvem para ouvir a voz de sangue oriundo de um mundo injusto que exige a nossa presença, que envolve o tecido solitário, porque tem como um sonho íntimo a coragem de explodir em lutas coletivas” (Sato, 2011, p. 548). Foi preciso despir de nossa formação linear para dar lugar ao aprendizado em espiral, que não se fecha como um círculo e permite inúmeras possibilidades de interpretações numa abertura inacabada (Sato, 2011).

O elemento **fogo**, para Sato (2011), é o momento de **transformação**, onde ocorre a mudança, o processo de busca, o engajamento. Para nós, esse momento se deu a partir do início dos encontros. Cada encontro suscitava uma compreensão diferente daquilo que havíamos entendido e as reflexões promovidas a partir do diálogo modificava-nos enquanto pesquisadoras, mas também, enquanto seres que estão no mundo sendo (Freire, 1992). Para Bachelard (1989a), o fogo designa as direções vividas, a vida que escoia e a vida que surge. Nessa direção, a Cartografia do Imaginário nos guiou por itinerários da pesquisa em que é possível nos colocar enquanto participantes não neutros, com clareza da intencionalidade e com possibilidade de mergulhar na prática e fazer emergir a teoria e assim, revelar a objetividade e a subjetividade da pesquisa (Sato, 2011).

O elemento **ar** representa a **reformaço**, o repouso para que um novo ciclo se inicie, a consideração geral da pesquisa (Sato, 2011). Para nós, o elemento foi quando nos aventuramos a expressar, por meio da arte, o que os encontros reverberaram em cada uma de nós. A Cartografia do Imaginário nos convida a fugir da rigidez da modernidade e flertar com a arte, a fazer pesquisa em Educação Ambiental que considere o pensamento poético e, por meio do ato poético se insira no mundo (Sato, 2011). “A criação poética é a ação e reação, o verso e o reverso do tecido fiado pelo pesquisador” (*Ibidem*, 2011, p. 560).

Inspiradas pela proposta criadora da Cartografia do Imaginário, como resultado, nos propusemos a brincar com nossa criatividade e registrar artisticamente, as expressões

⁶ De acordo com Sato (2011), o direito de janela é a apreensão do mundo no interior de cada ser, a janela conecta o mundo exterior com o nosso interior e nos projeta ao exterior. O dever de árvore é o momento de sair de nossas casas com janelas para explodir nas lutas coletivas.

suscitadas pelos processos de aprendizagem, dando vazão aos sentimentos provocados durante os estudos. A criatividade do pesquisador está no campo da experiência, da imaginação, da subjetividade e corresponde a sua experiência reflexiva, capacidade pessoal de interpretação e síntese teórica, a sua memória intelectual e capacidade de exposição lógica (Minayo, 2002). “As mentes cartesianas resistem em aceitar propostas poéticas como parte da pesquisa, mas a poesia amacia a dura racionalidade e aumenta os níveis de compreensão” (Sato, 2011, p. 550).

Estudar a Cartografia do Imaginário nos incitou a ampliar a nossa capacidade criativa e ousar, mesmo que muito timidamente, ensaiar alguns passos em direção à imaginação. Além disso, nos lembra da importância de reafirmar nosso compromisso epistemológico, em buscar autores que contribuam na compreensão do fenômeno ao qual nos propomos pesquisar. Nesse processo, um misto de sentimentos e sensações nos permeia tal qual um passarinho, que recém saiu do conforto de seu ninho para se arriscar em seu primeiro voo.

Entre o nosso direito de janela e dever de árvore, vamos nos formando e deformando e transformando, e entender esse processo nos torna educadoras ambientais comprometidas com a ética, nos posicionando em defesa daqueles/as que se encontram marginalizados/as, em favor da vida, da ciência e da diversidade cultural existente, com ética e responsabilidade.

Aventurando pelos encontros cartográficos imaginários

“Viver, viver verdadeiramente uma imagem poética, é conhecer, em cada uma de suas pequenas fibras, um devir do ser que é uma consciência da inquietação do ser. O ser é aqui de tal maneira sensível que uma palavra o inquieta”
(Bachelard, 1989).

Figura 1: Desenho inspirado na metodologia Cartografia do Imaginário.



Fonte: Tatiani Nardi, 2021.

Vivacidade

Encontros, Desencontros

Imaginar, Sonhar, Realizar!

Acreditar em um horizonte colorido e possível

Cartografar

Caminhar, Navegar, Voar

E se Aventurar!

Tatiani Nardi, 25/08/2021.

Nosso interesse em aprender a metodologia fenomenológica Cartografia do Imaginário (Sato, 2011), nos levou a iniciar nossos estudos com compromisso e dedicação, motivadas pela inquietação que nos moveu por um labirinto de descobertas e aventuras. Desta maneira, seguimos pelas nossas interpretações e descobertas que descortinam que “[..] um mundo se

forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso” (Bachelard, 1988, p.8).

O primeiro encontro foi realizado no dia 09 de agosto de 2021, a proposta foi debater o que tínhamos lido e compreendido da Cartografia do Imaginário (Sato, 2011). Cada encontro se iniciava com uma palavra mencionada por cada uma das participantes, que tivesse relação com o momento de estudo. A proposta das palavras é para delinear os significados que os estudos iam trazendo e os sentimentos provocados com as descobertas de cada encontro. Nesse primeiro diálogo formativo, as palavras que escolhemos para iniciar nosso percurso investigativo foram **amizade produtiva** e **descoberta**.

A escolha do termo ‘amizade produtiva’ representa que a amizade foi necessária para que pudéssemos realizar os encontros cartográficos. A confiança mútua para partilhar nossas dificuldades e interpretações foi importante nesse processo. Essa escolha proporcionou um aprendizado fecundo por meio da troca e interação. Compreendendo que cada encontro é de aprendizagem e formação, a palavra ‘descoberta’ teve relação com ânsia de encontrar novos sentidos, diante da possibilidade da discussão e da partilha. Ler o texto, ouvir e falar nossas interpretações e impressões, nos levou a descobrir uma nova forma de compreender a Cartografia do Imaginário, em um universo onde a “[...] pesquisa é um labirinto, que ao buscar conhecimentos, reconstrói a condição humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão! (Sato, 2011, p.2).

Neste início compreendemos que haveria inúmeras possibilidades investigativas científicas em Educação Ambiental. E que nesse momento formativo de diálogos e interpretações “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p.21).

No segundo encontro, que aconteceu no dia 25 de agosto, surgiu o nosso interesse de escrever nossa vivência formativa, discutimos o título do texto, com possibilidades de sofrer alterações, mas buscando inspirações criativas oferecidas pela metodologia. As palavras que destacamos foram **aventura** e **persistência**. Para as autoras, é preciso se ‘aventurar’ num sobrevoo sobre as terras e matas, com um “olhar de passarinho” que abre fronteiras nunca vistas, e nos convida a pensar no futuro (Sato, 2011). Mas para isso, é preciso ‘persistir’ na aventura da

pesquisa, olhando para cada detalhe escondido, esmiuçando o trajeto, sentindo cheiros, ouvindo sons, insistindo e persistindo diante das dificuldades nesse “sentir do passarinho”, que torna a jornada enriquecida com cada detalhe percebido e descoberto (*Ibidem*, 2011).

Ressaltamos que o campo investigativo científico exige compromisso e responsabilidades. Esta ciranda de aprendizagens, saberes e conhecimentos possibilitam infinitas descobertas, onde cada pessoa escolherá seu itinerário para a viagem científica investigativa, e que o mais importante do percurso é o caminho e não o destino final almejado “a mistura de alguns transportes é interessante porque nos possibilita diversas interpretações e descobertas” (Sato, 2011, p.5).

Provocadas por Sato (2011), arriscamos a dar um tímido passo em direção a nossos devaneios e registrar, por meio da expressão artística, nossos sentimentos e percepções acerca de nossos encontros. Esses ensaios estão registrados no decorrer do texto.

Figura 2: Arte com verso dos encontros cartográficos



Fonte: Jakeline Fachin, 2021.

No terceiro diálogo formativo, realizado no dia 02 de setembro, adentramos nos 4 elementos metaforizados por Sato, ancorada nos processos de aprendizagem de Bachelard (1988):

ÁGUA [formação] – a nossa constituição original, a gênese do desejo que dará as possibilidades de uma viagem científica;
TERRA [deformação] – vencer os obstáculos epistemológicos, mesclando cenários, um “reaprender a aprender”, ainda que o processo seja dolorido;
FOGO [transformação] – na combustão da chama, a mudança desejada, o processo de busca, de envolvimento e de engajamento;
AR [reformação] – é o tempo do repouso para que um novo ciclo reinicie, a consideração geral da viagem, a memória, o encantamento e o reencantamento da pesquisa (Sato, 2011, p. 547).

Os elementos formativos água (transformação), terra (deformação), fogo (transformação) e ar (reformação), estão presentes em todo o percurso de nossa trilha científica investigativa, nos permitindo ir além da racionalidade e nos desafiando a aliar pesquisa e poesia.

As palavras que destacamos para esse encontro foram **transformação** e **horizonte**, e ressoam as nossas experiências de pesquisadoras nesse movimento de formar, deformar, transformar e reformar. O ‘transformar’ por meio de nossas partilhas nos desvela um ‘horizonte’ de possibilidades no mundo da pesquisa e aponta formas de viver e aprender neste momento de pandemia, onde “é preciso reinventar a experiência de estar neste mundo de uma maneira mais simples e solidária”. (Sato; Santos; Sanchez, 2020, p.13).

Nesta aventura vou adentrar

Para aprender e conhecer!

O imaginário vai inspirar

E envolver o meu ser!

Tatiani Nardi - 01/09/2021.

Para terminar a leitura em constante interpretação, diálogos, criatividade e inspiração marcamos a data 06 de setembro, para realizar as considerações e compartilhar as compreensões essenciais sobre a metodologia, evidenciando as palavras **reconstrução** e **sensibilidade**. Durante todo o percurso foi possível interpretar e compreender a metodologia por diversas dimensões, com novos olhares, como horizontes de possibilidades que os

encontros cartográficos imaginários proporcionaram, conectando a amizade, a curiosidade de aprender cada vez mais, de uma formação continuada inspirada pela Cartografia do Imaginário (Sato, 2011), com sensibilidade e imaginário “a imaginação põe sempre um estímulo em todos os nossos sentidos” (Bachelard, 1989, p.70). Nesse viés, as palavras deste último encontro denotam o poder transformador que a proposta de um grupo pesquisador tem. Realizar esse percurso investigativo em parceria mostra a importância de mergulhar lado a lado, construindo diálogos fecundos cartográficos que permeiam não só a nossa pesquisa, mas o nosso modo de ver e ser no mundo.

O dia inicia

A alegria irradia

Elementos da natureza se interligam

Imaginar se torna nosso universo

Em encontros formativos cartográficos

Aprendemos e vamos nos envolvendo cada vez mais

Nessa aventura científica investigativa

Tatiani Nardi - 06/09/2021.

Assim essa vivência, experiência formativa foi como criar asas e voar em nossa imaginação, caminhar em trilhas permeadas com novas interpretações, navegar por possibilidades. A fenomenologia, como ressalta Sato (2016, p.22), interpreta vários sentidos e estabelece relações interligadas sem que percam suas singularidades, pois somos seres sociais e desenvolvidos pelas nossas vivências e experiências ao longo de nossa vida.

Nos momentos em que nos dedicamos a ler e escrever, voltamos para a casinha do caracol, pois é o instante em que precisamos para termos uma ligação com nosso interior e exterior sobre o que aprendemos, e assim construir e desenvolver o que almejamos para nosso propósito. Adentrarmos em nossa floresta interior que nos mostra árvores com inúmeras diversidades, exuberância e beleza e nos inspira a viver a vida verdadeiramente no momento de produzir o trabalho científico investigativo, fruto de um processo formativo e ter

a inspiração que pode levar a ação, ter o posicionamento na escrita, coragem de desbravar e ousar realizar uma pesquisa com sensibilidade, criatividade, arte e poética.

No GPEA usamos a metáfora do caracol de Manoel de Barros para referir a esse momento em que voltamos para o nosso interior, para dentro da casa do caracol, onde temos o nosso direito de nos cuidar, de nos recolher, é o “direito de janela” (Sato, 2011), mas também temos o dever de sair da casa do caracol e agir, é o “dever de árvore” (*Ibidem*, 2011), quando vamos nos envolver e ousar em dimensões possíveis para contribuir com diversas áreas de nossa sociedade com nossas pesquisas e estudos, seja fazendo publicações, participando de eventos, congressos, fóruns e cursos, atuando para fortalecer o coletivo (Sato, 2016).

Nesta ação, neste movimento vamos redescobrir que “É fundamental, portanto, que uma pesquisa em EA seja apaixonadamente subversiva. Livre, mas legítima.” (Sato, 2001, p. 33). Destacando que nossas narrativas buscam “evidenciar que para a atuação em ser-em-grupo, é condição essencial às tessituras de conexões, comunicações e articulamentos” (Sato; Oliveira; Júnior; Werner, 2019, p. 11).

Saída do labirinto

Neste trabalho, buscamos trazer nossas impressões sobre a “Cartografia do Imaginário” (Sato, 2011), a partir de diálogos formativos que se deu entre duas pesquisadoras do GPEA, diante da necessidade de adentrar e trilhar esse labirinto cartográfico, permeado de aventuras, descobertas e uma formação significativa e marcante.

Como pesquisadoras que utilizam essa metodologia em suas pesquisas, nos aventuramos a compreender a proposta e estudá-la por meio dos encontros online formativos que nos propiciou diálogos férteis e fecundos. Destacando que não há receitas, nem guias e fórmulas, mas sim a entrega em viver a pesquisa, se aventurar, pois é preciso adentrar nesse universo imaginário, para que confiantes nos caminhos que a metodologia nos ajuda a trilhar, possamos buscar teorias que auxiliem nesse desbravar de horizontes investigativos.

Assim, diante da necessidade de compreendermos mais sobre a “Cartografia do Imaginário” de Michèle Sato, nos aventuramos em sua metodologia, que se tornou uma viagem de aprendizados a cada encontro *online*, pois fomos conhecendo, descobrindo com

novos olhares, permeado com sensibilidade e curiosidade. As nossas narrativas colaboram para que novas trilhas, caminhos possam ser desbravados amparado pela metodologia.

Importante ressaltar que a escolha do itinerário e o transporte escolhido foram de total relevância nessa trajetória. Além disso, a escolha da companheira de viagem, a parceria e confiança estabelecida nesse trilhar, fortalecendo os laços da amizade, tornou possível que, durante nossos encontros descobríssemos terrenos férteis e profícuos para o entendimento da metodologia. Como resultado, foi possível perceber o avançar de nossos diálogos e discussões, mas também, a certeza de que esse foi um entre tantos labirintos que precisamos nos aventurar, nesse movimento incessante de estudar, pesquisar e aprender. Esses momentos de estudo confirmaram a importância da proposta anunciada pelo GPEA de estudar coletivamente, valorizando a partilha e as trocas que ocorrem, enriquecem e nos leva a novas descobertas, novos olhares e novas percepções sobre uma leitura que, ao sair do direito de janela e se permitir viver as sensações que o dever de árvore proporciona, nos levam a alçar voos que ressoam as vivências e experiências.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Barueri. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Tradução: Glória de Carvalho Luiz. Editora Bertrand Brasil S.A. 1989a.

FERREIRA, Carlos Roberto; SATO, Michèle. Cartografia do Imaginário: Metodologia como processo na pesquisa em arte-educação-ambiental. In: **SemiEdu 2019**: Debates sobre a educação, pesquisa e inovação. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá, Mato Grosso, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Coleção questões da nossa época, v.13. 29. ed. São Paulo, Cortez. 1994.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo. Editora Cortez, 2016.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan-abr, n.19, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21ª. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método [livro eletrônico]. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; Romeu Gomes. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

SATO, Michèle. **Apaixonadamente Pesquisadora em Educação Ambiental**. Educação. Teoria e Prática (Rio Claro). , v.9, p.24 - 35, 2001. Disponível em:<<https://revistaea.org/artigo.php?idartigo=108&class=20>>

SATO, Michèle, SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitosa. **Estrelas e constelações aprendizes de um grupo pesquisador**. Ambiente & Educação (FURG), v.14, p.139 - 146, 2009. <http://www.seer.furg.br/index.php/ambeduc/article/view/1613>.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Arte-Educação-Ambiental. **Ambiente & Educação**, vol. 14. 2009. Disponível em <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1136> Acesso em 20/03/2022.

SATO, Michèle. Cartografia do Imaginário no Mundo da Pesquisa. In: ABILIO, F. J. P. **Educação Ambiental para o Semiárido**. Editora Universitária da UFPB, 2011.

SATO, Michèle. **Ecofenomenologia: uma janela ao mundo**. Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental. E –INSSN 1517- 1256, Ed. Especial, julho, 2016.

SATO, Michèle; OLIVEIRA, Herman; JÚNIOR, Armando Tafner; WERNER, Inácio. Para não Dizer que não Falamos das Flores. In: RAIMUNDO, H.; BRANCO, E.; BIASOLI, S.; SORRENTINO, M. (Orgs.) **Avaliação e Monitoramento de Políticas Públicas de Educação Ambiental no Brasil**: Transição Para Sociedades Sustentáveis. Brasília: FUNBEA & ANPEA, 2019 (prelo)

SATO, Michèle; SANTOS, Déborah; SANCHEZ, Celso. **Vírus: simulacro da vida?**. Rio de Janeiro: GEA-Sur, Unirio& Cuiabá: GPEA, UFMT, 2020.

SATO, Michèle. Gente e Natureza nos Movimentos da Educação Ambiental. In.: **Memória, pesquisa e impacto social: O percurso formativo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT [e-book].**/ Elizabeth Figueiredo de Sá, Daniela Barros da Silva Freire Andrade, Marcel Thiago Damasceno Ribeiro (Orgs.). 1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021. 328 p.

Submetido em: 11-10-2025.

Publicado em: 19-12-2025.